

INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO EM ENQUADRES DE LEITURA

Marcicleide de Sousa Assis DANTAS

macidante@hotmail.com

Luciana Martins de Sousa DANTAS

luluqueta@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar a interação entre professor e aluno em enquadres de leitura na sala de aula, realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental II, identificando aspectos de mediação (interação) facilitadores da leitura e, ao mesmo tempo, reconhecer estratégias de leitura que se revelam no enquadre de mediação. O *corpus* para análise foi levantado na escola da rede pública da cidade de Pombal-PB. Na análise, utilizamos uma metodologia de segmentação da aula em enquadres de leitura. Como base teórica para esta pesquisa, nos apoiamos na teoria da Sociolinguística Educacional e Interacional, como também, nos estudos sobre leitura e mediação pedagógica. Constatamos que o processo de interação e mediação é desenvolvido através de enquadres de leituras, acionados sobre a perspectiva de protocolos verbais, contextualização e técnicas de andaimagem.

Palavras-chaves: Interação; protocolos verbais; contextualização; andaimagem.

Abstract: The purpose of this research is to analyze the interaction between teacher and student in framings of reading in the classroom, conducted with students of the 6th year of elementary school II, identifying aspects of mediation (interaction) facilitators of reading, while recognizing strategies of reading that are revealed in the framings of mediation. This corpus analysis was performed on a public school in the Pombal city in the State of Paraíba. In this analysis, we use as methodology the segmentation of the class in reading framings. As a theoretical basis for this research, we rely on the Theory of Educational and Interactional Sociolinguistics, as well as in studies on reading and pedagogical mediation. We note that the process of interaction and mediation is developed through framings of readings, triggered on the prospect of verbal protocols, contextualization and techniques of scaffolding.

Keywords: Interaction; verbal protocols; contextualization; scaffolding.

Introdução

Nesta pesquisa, nossa finalidade é compartilhar como trabalhar a leitura em sala de aula com dados reais, expondo estratégias de leitura na interação entre leitor e mediador, apoiando-nos em conhecimentos da Sociolinguística Educacional e Interacional. Para a análise, selecionamos a técnica dos protocolos verbais que consiste em um método de “investigação ou prática de pontos problemáticos em leitura” (MAGALHÃES, 2012, p.47).

Os protocolos verbais, segundo Cavalcanti (1989 apud MAGALHÃES e MACHADO, 2012), se baseiam na verbalização do pensar alto sobre o texto lido. Nesse procedimento, a pausa é o intervalo entre o momento da leitura e o de interpretação, servindo para buscar uma compreensão lexical que não foi assimilada ou para comentar o que foi lido.

Segundo Tannen e Wallat (2002), enquadre é o que está acontecendo em uma determinada interação, isto é, uma tarefa interpretativa construída pelos seus interagentes, os quais dão sentido ao que é dito, tendo a percepção do que está sendo constituído na situação vivenciada. Nessa moldura comunicativa e dinâmica, se realiza a noção de enquadres interativos.

Os protocolos¹ realizados para a pesquisa desenvolveram-se através da leitura e verbalização da compreensão de diferentes textos do gênero fábula, estabelecendo enquadres interativos entre o professor -mediador que formula perguntas e utiliza outros procedimentos como: a contextualização de leitura, a valorização dos conhecimentos prévios, a técnica de andaime ou andaimagem e a escolha do gênero para a verbalização da compreensão leitora por parte dos alunos.

O procedimento de contextualização consiste em uma preparação prévia para a leitura e busca verificar o que o aluno sabe sobre o tema. Nesse sentido, o professor utiliza de estratégia de antecipação, ativando experiências de mundo que o aluno tem e servirá de aporte para o texto que será lido. A valorização desses conhecimentos prévios demonstra uma ação de caráter positivo para a interação professor/aluno. Ao contextualizar uma situação de leitura, o professor traz a tona o conhecimento

¹ Para a análise dos protocolos verbais da pesquisa empreendida, recorreremos aos descritores da matriz de referência de avaliações de leitura da Prova Brasil e do Pisa que nos darão subsídios e uma melhor compreensão dos enquadres analisados.

enciclopédico do aluno e, ao mesmo tempo, amplia seus conhecimentos acerca do tema abordado, utilizando-se assim da técnica de andaime ou andaimagem.

De acordo com Magalhães e Machado (2012), a técnica de andaimagem “constitui um conceito metafórico que concerne a um auxílio audível que uma pessoa mais experiente pode dar a um aprendiz” (p.55). O psicólogo norte-americano Jerome Bruner (1983) foi quem primeiro apresentou esse termo, mostrando interesse pelas formas institucionais pelas quais a cultura é transmitida. Semelhante ao processo de andaimagem está o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) introduzido por Lev Vygotsky “que consiste no espaço entre o que o aprendiz pode realizar sem nenhum auxílio e o que realiza com ajuda de uma pessoa mais experiente” (MAGALHÃES e MACHADO, 2012, p.55).

O processo de andaimagem está relacionado à interação entre as pessoas através da linguagem. Esta, por sua vez, constitui uma ação humana cooperativa em conjunto com seus interlocutores. No modelo tradicional dos eventos de sala de aula, os andaimes relacionam-se ao modelo: iniciação-resposta-avaliação (IRA), que corresponde primeiro na representação da fala do professor com uma pergunta ou problematização, por conseguinte tendo como produto a resposta do aluno e, em seguida, a avaliação ou correção do professor. Sobre o conceito de andaimagem, Bortoni-Ricardo (2006, p. 3) afirma ser:

Um trabalho de andaimagem pode tomar a forma de um prefácio a uma pergunta, de sobreposição da fala do professor à do aluno, auxiliando-o na elaboração de seu enunciado, de sinais de retorno (backchanneling), comentários, reformulações, reelaboração e paráfrase e, principalmente, expansão do turno de fala do aluno. Todas essas estratégias dão ao aluno a oportunidade de “reconceptualizar” o seu pensamento original, seja na dimensão cognitiva seja na dimensão formal.

A partir dos conceitos apresentados, analisaremos a interação entre professor e aluno em enquadres de leitura na sala de aula, realizada com alunos do 6º ano do ensino fundamental II, turno manhã, com faixa etária entre 11 a 13 anos, provenientes da cidade e do campo. Nosso objetivo é identificar aspectos de mediação (interação) facilitadores de leitura e reconhecer estratégias de leitura que se revelam no enquadre de mediação.

O *corpus* em estudo² são transcrições de gravações de uma aula que foi desenvolvida no pátio da escola, com apoio de microfones para a socialização dos textos lidos pelos alunos. O ambiente foi organizado com cadeiras em círculo, almofadas, tapetes e estantes com diversos livros. Trata-se de uma aula de leitura sobre o gênero fábula, realizada da E.M.E.F “Nossa Senhora do Rosário”, pela professora F.N.A.C, cuja formação é em Letras e especialização em Metodologia do Ensino Superior.

1. Enquadres de Leitura: interação e mediação em uma aula sobre o gênero fábula

1 – A Professora inicia, contextualizando a aula, falando para todos os alunos: *“Mais uma vez, estamos aqui, nosso cantinho de leitura de toda semana, nós descemos e temos essa prática. Agora nós vamos ... como estamos estudando o gênero textual fábula, nós vamos fazer a leitura de algumas fábulas. Cês vão perceber aí, no livro na capa de vocês que: tem cada livro é seis fábulas, sete fábulas”*.

Nesse momento a Professora cria um contexto não físico, mas de uma situação que evoca um trabalho contínuo, identificada com base em marcadores temporais *“Mais uma vez”* e *“toda semana”*, situando os alunos no enquadre da aula sobre o gênero estudado.

2 – A Professora faz a contextualização da leitura, orientando os alunos para ação a ser desenvolvida: *“Então, vou dar um tempinho, como a gente faz toda semana, pra vocês fazerem a leitura de uma fábula. Certo? São várias, vocês vão escolher uma, fazer a leitura e depois a gente vai socializar as ideias. Vocês vão dizer o que achou da fábula, se a: o título tem haver com a moral, que foi o que a gente trabalhou na sala de aula com uma outra fábula. Certo? Vou dar um tempinho para vocês”*.

A – *Vai dar nota?*

P – *Dá nota? Vou dar nota não. É a leitura prazerosa.*

² As falas que estamos reproduzindo são transcrições de gravações. P indica fala da Professora; A e A's indicam as falas de um aluno ou de vários alunos respectivamente. O uso de ... indica fala inconclusa; os dois pontos : indicam prolongamento da fala.

Através da contextualização de leitura, a Professora envolve os alunos em um processo de motivação, aportando objetivos, ideias e experiências prévias, pois a leitura se estende desde o processo de compreensão anterior ao momento em que se lê e segue até o momento de verbalização desse ato.

É conveniente ressaltar que, nos dois eventos relacionados à fala da Professora, observamos a predominância da linguagem padrão: “(...) **nós descemos e temos essa prática**”, “(...) **Agora nós vamos**”, “**São várias, vocês vão escolher uma (...)**”. Nessas recorrências, verificamos que a desinência verbal estabelece uma concordância com o pronome pessoal em primeira pessoa do plural (nós). Dessa forma, na seleção de sintagmas verbais e nominais, percebemos um evento de fala situado e consciente, havendo, pois, um monitoramento por parte da Professora quando realiza a contextualização da aula e da leitura. Em alguns momentos, registramos eventos tipicamente coloquiais, tais como: “**Cês vão perceber aí (...)**”, “**(...) como a gente faz toda semana (...)**” e “**Então, vou dar um tempinho (...)**”. Isso revela que mesmo havendo monitoramento em eventos de oralidade, é comum essa representação linguística.

3 - Após as considerações feitas pela Professora, um aluno pergunta: “*Vai dar nota?*” A professora ouve o comentário e retifica o aluno que o produziu, fazendo a seguinte colocação: P – “Dar nota? Vou dar nota não. É a leitura prazerosa”.

O comentário feito pela professora significa que ela está atenta ao que os alunos falam. Isso é necessário para que haja interação em sala de aula. Esse procedimento realizado pela Professora é uma técnica de andaimagem. Logo após a Professora tecer seu comentário sobre interpelação do aluno acerca da nota, ela conduz a situação com naturalidade para que todos realizem o que fora pretendido.

4 – Em um determinado momento na contextualização de leitura sobre o gênero fábula, a Professora comenta:

P: (...) *é... eu acredito que vocês tem uma noção básica sobre isso, qui na fábula os animais, eles tem o quê...?*

A's: *Vida:*

P: *Vida.*

P: *Eles agem como se fossem...?*

A's: *Humanos, gente, pessoas.*

P/A's: *Pessoas, seres humanos,*

P: *Certo.*

Uma característica muito positiva na interação entre professor e aluno é a valorização dos conhecimentos que os educandos demonstram ter sobre determinado assunto. Como estratégia, ela os envolve nessa determinada situação comunicativa através de pistas de contextualização como: traços prosódicos no prolongamento e na entonação de voz ascendente e inconclusa nas últimas sílabas, que é uma estratégia de andaimagem para pedir aos interlocutores que completem o enunciado, induzindo o aluno a preencher essa pausa motivada para atender uma resposta situada, por exemplo:

P: (...) *qui na fábula os animais, eles tem o quê...?*

A's: *Vida:*

P: *Eles agem como se fossem...?*

A's: *Humanos, gente, pessoas.*

5 – Após a leitura silenciosa das fábulas feita pelos alunos, a Professora sugere que eles verbalizem o enredo da fábula e comentem o que estavam lendo.

A: *É assim, minha fábula é sobre as duas cadelas, uma cadela tava pronta pra dar cria, (ninguém ria, viu porque isso é natural!) Aí, ela foi pedi ajuda a amiga. Quando chegou lá a amiga deu o lugar dela (...).*

[...]

A: *É: o qui entendi disso é qui, muitas vezes, a gente por amizade entrega nosso lugar e acaba que as pessoas se aproveitam disso, e acaba como é que se diz, o rei do Balacobaco.*

Nesse enquadre de leitura, a aluna é conduzida a expressar seu pensamento sobre a fábula lida através da verbalização por retrospectiva. Interessante observar que a aluna muda de enquadre no momento da sua oralização: “É assim, minha fábula é sobre as duas cadelas, uma cadela tava pronta pra dar cria, (**ninguém ria, viu porque isso é natural!**) Aí, ela foi pedi ajuda a amiga”. Percebemos que, no ato da fala, ela percebeu risos no ambiente, denotando uma situação de constrangimento.

Dessa maneira, ela rompe com o evento de fala sobre o enredo da fábula e direciona seu discurso aos locutários que provocaram a quebra da continuidade de sua fala inicial. A essa habilidade que o falante tem de ir de um enquadre a outro, negociando as ações entre os interlocutores é denominado, por Goffman (1981 apud Tannen e Wallat, 2002), de *footing*.

A aluna, ao verbalizar o que leu no momento da análise da moral da fábula, expande sua interpretação textual para além da superficialidade do texto, remetendo para o seu conhecimento de mundo, acionando esquemas culturais que estão impregnados na sua fala, principalmente, no momento que cita uma palavra de uso coloquial na oralidade, enfatizando a ideia de supremacia e poder a alguém que se apodera de território alheio: “(...) entrega nosso lugar e acaba que as pessoas se aproveitam disso, e acaba como é que se diz, o rei do **balacobaco**”.

6 - No decorrer da aula, percebemos que a Professora retoma o conceito do gênero fábula, proporcionando aos estudantes um contexto de aprendizagem situada.

P: (...) durante a semana passada, as características da fábula (...).

P: (...) você vão comprovar tudo que a gente estudou na estrutura da fábula.

P: Vocês vão dizer o que achou da fábula, se o título haver com a moral, qui foi o que a gente trabalhou na sala de aula com outra fábula. Certo?

Ao enfatizar as características da fábula em enquadres diferentes da aula ministrada, a Professora retoma os conceitos peculiares do gênero para reforçar e ampliar os conhecimentos do aluno sobre o gênero estudado. Dessa forma, os alunos são conduzidos pelo processo de andaimagem.

Considerações finais

Nos enquadres de leitura analisados, percebemos que a interação entre professor e aluno acontece através de vários aspectos e utilizando estratégias capazes de ampliar a compreensão leitora.

Primeiramente, ao contextualizar a aula, a professora situa os alunos na situação de leitura, instiga-os sobre o gênero em estudo, leva-os a lembrar o que havia

estudado e os conduz a participar do evento. Os alunos se envolvem no momento da aula através da ação de ouvir, como também participando pela oralidade e criando uma situação de interação e de construção do conhecimento. A ação de contextualizar é de grande relevância para a produção de leitura, pois conduz os alunos a realizar inferências e antecipar alguns conhecimentos que servirão de aporte para o que será lido.

Esses eventos iniciais se constroem a partir da interação entre professor e alunos. A interação torna-se fundamental para garantir o desenvolvimento da aula por meio de ações de linguagem dos interagentes, possibilitando troca de experiências e exposição de conhecimento enciclopédico que podem permitir a produção de sentidos para o texto. Portanto, a interação representa ferramenta necessária à mediação mais eficiente.

A estratégia de mediação pedagógica é necessária para auxiliar os alunos, principalmente aqueles que apresentam conhecimento insuficiente para a compreensão de determinados textos. A leitura produtiva, com o auxílio do professor, é feita a partir da construção de andaimes, consistindo em ajuda transitória ao aluno e que deve ser substituída por outra à medida que ele passa a dominar alguns conceitos.

Os processos aqui expostos são apenas alguns dos que podem contribuir para a formação de leitores proficientes e autônomos. O professor deve recorrer a estratégias diversas para chegar aos objetivos pretendidos, sempre por meio da interação, respeitando a fala do outro, o conhecimento de mundo e a bagagem cultural dos que participam dos eventos de leitura em sala de aula.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FERNANDES DE SOUSA, Maria Alice. **Andaimes e pistas de contextualização: um estudo do processo interacional em uma sala de alfabetização.** Disponível em: http://www.stellabortoni.com.br/index.php/projetos/projeto-lef/category/11-artigos/download/3D81/3Aandaimes-e-pistas-de-contextualizacao-bortoni-ricardo-sm-e-souza-maria-alice-f.-in.-tacca-maria-carmen-org-2006&ei=0jNhVLPMK7T_sATGw4BQ&usg=AFQjCNHfgGSUygW_QQwSVsdYJtGuSXOyig&bvm=bv.7. Acesso em: 29/09/2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____, **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

MAGALHÃES, Rosineide; MACHADO, Veruska Ribeiro. Leitura interação no enquadres de protocolos verbais. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs). **Leitura e mediação pedagógica.** São Paulo: Parábola, 2012.

TANNEN Deborah; WALLAT Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento e interação. In GARCEZ, Pedro M; RIBEIRO, Branca Telles. **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Loyola, 2002.

VIGOSTSKY, Lev. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.